

## Resenha do livro

### **História, religião e vida: o itinerário de um apóstolo**

### **History, religion and life: the path of an apostle**

### **Historia, religión y vida: el itinerario de un apóstol**

*Rogério Pamponet Rodrigues\**

MEZZOMO, F. Antonio. In *Uno Spiritu. Bispo e sociedade, Igreja e conflitos sociais*. Assis: Triunfal / Campo Mourão: Fecilcam, 2012. 396 p.

O livro em questão é fruto de uma detalhada pesquisa que foi apresentada inicialmente como tese doutoral do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009, sob orientação de Artur César Isaia, e que aqui apresenta uma revisão atualizada; foi publicado com o apoio da Fundação Araucária (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná). Trata-se de pesquisa historiográfica, mas construída com um viés subjetivo, ou seja, a partir da ação de um sujeito cuja vida ilumina a compreensão dos fatos históricos da cena socioeclesial do oeste paranaense a partir de 1978. Seu autor, Frank Antonio Mezzomo, é doutor em História Cultural e leciona na Universidade Estadual do Paraná.

---

\* Bacharel em Teologia (UPRA – Roma). Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Doutorando do Programa de Ciências da Religião (UMESP). E-mail: rogeriopamponet@gmail.com

O personagem, em cuja vida a história é *catalisada*, é Olívio Aurélio Fazza (1925-2008), primeiro bispo da diocese de Foz do Iguaçu, que é aqui procurado dentro das estruturas sociais em uma tentativa de olhar a história a partir do elemento que lhe dá sentido: a vida humana. Ivan Manoel, no prefácio, diz que o autor “com argúcia percebeu que as estruturas não existem e não funcionam sem as pessoas” (p. 15). Formado na Igreja de Pio XII, Dom Olívio viveu seu ministério antes e depois do Concílio Vaticano II e sob a influência das correntes progressistas e conservadoras que agitavam o cenário eclesial da época; seu itinerário de vida sintetiza a convivência com movimentos espirituais intimistas, como a Congregação Mariana, e revolucionários, como a Teologia da Libertação. Será um paradoxo ou é a vida que se constrói na complexidade? A ascese mística impede a consciência social? Em geral, sentimo-nos tentados a exprimir nossa visão em termos de polarizações de categorias mais ou menos fechadas. O autor consegue vencer esta tendência no decorrer da pesquisa com a compreensão das idiosincrasias deste bispo, que impedem sua classificação como progressista ou conservador. Em síntese, sua mística buscou a unidade pastoral e social.

O contexto da região de Foz do Iguaçu era, então, de modernização da agricultura, êxodo rural, migrações forçadas, construção da hidrelétrica de Itaipu e intervenção militar na tríplice fronteira. Estes e outros elementos juntavam-se à conjuntura de uma Igreja que simultaneamente se organizava e se transformava para adaptar-se aos novos rumos da Igreja latino-americana.

O livro demonstra inequívoco interesse pelo campo religioso, que é tratado, não como elemento acessório na compreensão de um determinado contexto histórico, mas como fonte de conhecimento histórico. O autor usou noções como *campo religioso*, de P. Bourdieu, e *nomos* de, P. Berger, para compor seu referencial teórico, além de trabalhos como os de Roger Chartier, Sabina Loringa, Pierre Sanchis, Michel Löwy, Kennet Serbin, Ana Maria Doimo, Zilda Iokoi, Vanilda Paiva e Roberto Romano. Sua motivação inicial veio da curiosidade despertada pela atenção dada pela mídia à atuação de Dom Olívio, mas também pela conjuntura socioeclesial e pela insuficiente homogeneidade com a qual os agentes eram considerados. Surge, então, o problema da pesquisa: como e por que a estruturação pastoral profética deste bispo tornou sua diocese relevante no contexto regional e para a Igreja nacional? Que tipo de forças sociais o bispo usa? Quais serviços religiosos são escolhidos e quais são preteridos? É possível ver sua biografia nas ações assumidas? Como primeira resposta temos que, como porta-voz do sagrado, este religioso catalisou o encontro de um significado e um significante preexistentes, agindo como força organizadora do meio social. O objeto de análise não é a vida de Dom Olívio, como uma biografia comum, mas sua

relação com a trajetória pastoral da nova diocese (criação de estruturas de educação, saúde, pregação etc.). O autor tem como objetivo entender como a vida pessoal gera configurações sociais e como estas configurações geram modificações vitais; visa entender o itinerário vital de Dom Olívio, que criou, amalgamou, silenciou e redefiniu experiências que se transfiguraram nas posições ocupadas socialmente.

A pesquisa buscou acesso a fontes pessoais, entrevistas com agentes de pastoral, clero católico, pastores luteranos, com o próprio Dom Olívio, livros de tombo<sup>1</sup>, atas, jornais e relatórios *ad limina*<sup>2</sup>. Mas sempre na perspectiva de Jacques Le Goff, na qual os documentos são meios de impor ao futuro determinada imagem de nossa realidade. O documento deve ser repensado como *montagem*; não existe documento verdadeiro, ele é apenas um monumento, uma elaboração por uma memória histórica que deve ser desmontado se quisermos entender as condições de sua produção.

Construir história a partir da vida é uma opção por escrever uma história humana. Esta foi a escolha de Mezzomo, que detalha a trajetória de um bispo e sua diocese que enfrentam um quadro conflituoso de luta por justiça e por respeito à vida. A narrativa biográfica é o instrumento desta incursão no tempo e no espaço, de modo a fazer história a partir de sua melhor fonte: o ser humano. Nossa cultura racionalizada tende a materializar o abstrato. Dizemos que o *Estado é o responsável pelo bem do povo*, como se *Estado e povo* fossem realidades concretas; esquecemos que são representações impessoais de acordos, intenções, desejos e defeitos humanos de homens concretos. O autor percebe com clareza esta deficiência e busca compreender o campo religioso católico por meio de uma *fenda privilegiada*, que é a vida de um agente religioso que assume um posto especial neste campo, não só por sua posição hierárquica, mas pelo teor do serviço que prestou ao seu *rebanho*.

No primeiro capítulo, Mezzomo menciona as quatro fontes no trabalho de formação do perfil de Dom Olívio: uma entrevista a respeito das eleições de 2000, a *arrebatedora experiência mística* que ocorreu no 7º Intereclesial das CEBs<sup>3</sup> (1989) em Duque de Caxias (RJ), o discurso no jubileu de ouro sacerdotal, no qual o bispo falou dos movimentos eclesiais que influenciaram sua escolha de fé (em especial a Congregação Mariana) e a simpatia pelo movimento dos Focolares, que ele revelou em entrevista pessoal (p. 34-37).

<sup>1</sup> Livro que narra os fatos principais ocorridos em uma paróquia, uma diocese ou instituição eclesíastica.

<sup>2</sup> Relatório que contém as estatísticas, acontecimentos principais, problemas e outros fatores relevantes na vida de uma determinada diocese. É composto para ser apresentado pelo bispo ao Papa e às congregações romanas, em geral, de cinco em cinco anos.

<sup>3</sup> Grande encontro de CEBs que acontece ocasionalmente desde 1975 em várias partes do País.

As duas primeiras fontes eram de índole progressista, enquanto as outras eram de espiritualidade vertical e intimista; isto intrigou o autor e começou a minar a rigidez de seus preconceitos classificadores. Percorrer a biografia de Dom Olívio possibilitou observar seu papel na “construção dos laços sociais, afastando-se da abordagem estruturalista que dilui a função do indivíduo e da tradicional polarização/dicotomização homem *versus* contexto social” (p. 37).

Duas extensas entrevistas pessoais com Dom Olívio (quase sete horas de gravação, nos anos de 2006 e 2007) foram centrais na compreensão de seu itinerário. Em uma delas, ele relata sua impressão sobre os rumos que a Igreja está tomando em nossos dias. Esta, segundo ele, parecia “esquecer sua missão social” (p. 44).

No período da infância e adolescência de Dom Olívio em Juiz de Fora, a Igreja protagonizava o processo de *romanização*, na tentativa de “demolição do catolicismo tradicional” e a “criação de um novo imaginário religioso” (p. 45). Seu ambiente familiar era religioso, o que o levou a participar da Congregação Mariana e da Conferência Vicentina; a primeira centra-se na devoção mariana e na formação ética e a segunda realiza trabalhos assistenciais. Com 18 anos, o jovem Olívio vai para São Paulo, enviado pelo Banco de Crédito Real, onde trabalhava, e no qual se projetava uma carreira promissora. A Congregação Mariana, juntamente com a Ação Católica, seguia o projeto de *Restauração Católica*, que atuava na Igreja com Pio XI; este queria que a fé recuperasse seu papel na sociedade e, para isso, implementava um “combate aos tempos modernos, às diversas formas de emancipação dos indivíduos” (p. 58). Mezzomo afirma que Dom Olívio fez em sua vida uma “apropriação eletiva” do ideário da Congregação Mariana, que procurava “docilizar” seus seguidores (p. 59), pois assumia alguns elementos para sua vida, enquanto outros foram substituídos por uma eclesiologia aberta às CEBs, à reforma agrária, ao ecumenismo.

Um aspecto deste período – interessante por ser um tanto estranho à mentalidade atual (mesmo a religiosa) – era o trabalho de formação do caráter; um dos elementos para isso era a leitura de alguns autores cristãos. Mezzomo narra que Dom Olívio teve sua juventude marcada pela leitura de *O jovem de caráter*, no qual Tihamer Toth busca a educação da juventude pelo domínio da vontade. Este livro foi determinante em sua decisão vocacional, pois falava da luta pelo ideal de vida que, para ele, emergiu como o de ser “missionário de Cristo” (p. 74).

A narrativa e sua análise histórica seguem acompanhando sua entrada para a vida religiosa, ordenação sacerdotal e envio, já como bispo, para a recém-criada diocese de Foz do Iguaçu, onde inaugurou o projeto que sintetiza seu itinerário de vida: a unidade dos cristãos e da sociedade, *In Uno*

*Spiritu*. Reflete-se aí também a espiritualidade de um dos movimentos que participam da restauração que João Paulo II introduziu na Igreja, mas que lhe era anterior, os Focolares, cujo carisma era a busca da unidade entre cristãos e não cristãos. Dom Olívio era considerado conservador em relação à fé, mas progressista nas questões sociais. O autor analisa esta síntese em função de sua espiritualidade fundada na unidade com todos, em especial com o magistério da Igreja, que, neste período, abria as portas para o mundo e para os pobres, tanto no Concílio Vaticano II como nas Assembleias da Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam). Outro elemento que permitiu esta síntese foi o período em que exerceu o ministério sacerdotal em São Paulo, sob a condução de Dom Paulo Evaristo Arns; daí sua *opção pelos pobres*. Esta síntese reflete as idiosincrasias “de uma biografia em que leitura e apropriação de mundo valorativo são feitos pelo sujeito” (p. 95).

No segundo capítulo, o autor procura escapar à tendência de categorizar agentes e ações, como se o ser humano fosse *limitável* a esquemas rígidos; se Dom Olívio era conservador, moderado ou progressista não era a questão central, mas de que modo sua trajetória de vida refletiu em seu ministério diocesano. Em entrevista de 1979, Dom Olívio assume que a Teologia da Libertação apontaria por quais caminhos a ação pastoral deveria seguir e que as CEBs seriam os instrumentos da construção do projeto diocesano. Esta sua atitude, interpreta o autor, seguindo Certeau, é a de um “leitor”, um “viajante que circula nas terras alheias, nômade caçando por conta própria através dos campos que não escreveu, construindo jardins que miniaturizam e congregam um mundo” (p. 108-109). O sujeito não é *universal* ou *trans-histórico*, como aponta certa visão estruturalista da realidade; ele tem autonomia, mesmo que limitada pelas “práticas de leitura” influenciadas pelos contextos (p. 110). O sujeito em questão assume, a seu modo, as transformações da Igreja na década de 1970, que começa a promover uma “evangelização libertadora” (p. 118). A *luta* de Dom Olívio é religiosa no sentido lato, ou seja, maior que aquela dada pelas ciências humanas (sem transcendência), pois a vida humana admite um significado místico na realidade que é relevante para a cultura.

Na pastoral de conjunto, buscou a unidade com o Regional Sul II, ao qual pertence a diocese de Foz. As orientações propostas mostravam a descontinuidade eclesial, que não via mais o mundo como irremediavelmente determinado pelo pecado, como na *Cidade de Deus* de Agostinho, mas como possibilidade de ser transformado pela ação do *Povo de Deus*. Este esforço gerou a desconfiança dos militares, que em sua atenta observação dos rumos desta Igreja foram auxiliados também por membros dela, como Dom Sigaud (p. 147, nota 93). Logo se formou a ideia de *Igreja subversiva* que se amparava na ideologia marxista para instigar camponeses e operários contra a ordem

política e econômica. Em diversos episódios deste confronto, Dom Olívio buscou a linha do diálogo, o que lhe era característico, exceto no que dizia respeito à Renovação Carismática Católica (RCC), como narra Mezzomo; esta aparece neste contexto como uma inserção *desintegrante*.

O terceiro capítulo fala dos desafios pastorais na tríplice fronteira. A dinâmica da modernização do campo, a concentração fundiária, a construção da represa, o incentivo da monocultura com pouca mão de obra (da soja, por exemplo, que cresceu 596% naquela década) e o vertiginoso aumento populacional urbano foram alguns dos desafios do trabalho pastoral da diocese. Foi criada a Pastoral do Migrante, em 1982, para lidar com as consequências destes processos socioeconômicos. Mezzomo relata um trecho do livro de tombo da paróquia de São Miguel:

Os padres realizam um trabalho de conscientização junto às comunidades a fim de evitarem ilusões, ganância ou vendas desnecessárias de terras, pois há grandes proprietários acumulando latifúndios, forçando os pequenos a venderem suas terras. Muitos já estão saindo devido à hidrelétrica de Itaipu que dentro de três anos deverá alagar aproximadamente a terça parte deste município. Várias comunidades prepararam a partida dos migrantes com ricas celebrações comunitárias, permeadas de solidariedade humana e cristã e a bênção do sacerdote. (p. 276).

## Concluindo

Este trabalho tem vários méritos, entre os quais o de recuperar alguns elementos eclesiais esquecidos das proféticas décadas de 1960 a 1980. Quem eram estes cristãos que acreditavam que sua fé e sua luta poderiam mudar o mundo? Quem eram estes bispos, padres, freiras e leigos que se voltaram para os pobres como uma opção preferencial? Esta Igreja teria desaparecido ou estaria apenas *eclipsada*? O trabalho de Frank Mezzomo não pretende dar todas as respostas, mas mostrar as pessoas e suas vidas; como a pessoa e a vida de Olívio Fazza, que tentou construir um ideal que hoje é tido como utópico e perdido nos *sedimentos* de uma época *soterrada* pelo espiritualismo individualista das igrejas de nossos dias. Aqueles tempos parecem tão distantes deste em que banimos as utopias<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf. MARCUSE, H. **O fim da utopia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.